JASMINE GUILLORY

Autora do best-seller *Aliança de casamento*

Tremendo de PAIXÃO

VISIT…

LANZAROTE Caliente.com

JASMINE GUILLORY

Autora do best-seller *Aliança de casamento*

Tremendo de PAIXÃO

JASMINE
GUILLORY

Tremendo de PAIXÃO

Tradução
RAQUEL NAKASONE

paralela

Sumário

Capa
Folha de rosto
Sumário
Tremendo de paixão

Agradecimentos
Sobre a autora
Créditos

Landmarks

Cover
Title Page
Table of Contents

Daisy voltou para casa da cafeteria segurando um mocha gelado duplo com leite de aveia. O barista tinha feito um coraçãozinho em homenagem ao Dia dos Namorados, o que ela achou fofo. Como não tinha namorado, ela decidiu se mimar: primeiro com esse café, depois com a tarde de folga em um spa, e de noite com sua comida favorita, maratonando as comédias românticas que mais amava.

O que ela *não* ia fazer era comprar doces na Cook's Bakeshop — mesmo que este fosse o mimo *perfeito* para a data. Mas não. Nada de doces hoje. Rosquinhas, então, nem pensar. Ou, nossa, uma daquelas tortinhas que a cada dia tinham um sabor diferente. Na semana passada, eram de pêssego com um toque de *bourbon* e estavam incríveis. Ela adoraria comer uma daquelas de novo. Mas não, não, não ia fazer isso. O padeiro-chefe fora terrível com ela da última vez. Ela ainda tinha amor-próprio.

Enquanto se aproximava, ficou olhando para a placa na fachada da padaria. Era enorme, antiquada e só dizia BAKESHOP, e estava lá desde que ela se lembrava, muito antes da Cook. Talvez fosse algum tipo de atração histórica. Uma das correntes que prendia a velha placa na construção estava quebrada; era melhor avisar quando entrasse.

Peraí! *Não*! Ela não ia entrar, né?

Ela devia ter pegado um daqueles cookies cor-de-rosa em formato de coração na cafeteria. Quem sabe isso aliviasse a tentação de entrar na padaria? Mas os cookies daquele lugar não eram nada bons. Não como os da padaria, onde cada coisinha que já tinha experimentado a fizera fechar os olhos e gemer de

satisfação.

Ficou se perguntando quais seriam os sabores das tortinhas do dia. E se fossem de amora? Mas não, Daisy tinha certeza de que não seriam de amora. Na semana passada, quando comentara com a mulher atrás dela na fila que estava torcendo para que fossem de amora porque eram as suas favoritas, o dono e padeiro-chefe a olhou e praticamente rosnou. O cara a odiava, ela tinha certeza. Agora ele provavelmente nunca faria nada com amoras. Talvez até colocasse uma placa na entrada dizendo NUNCA TEREMOS TORTINHAS DE AMORA só para que ela parasse de ir.

Coisa que ela planejava fazer. Não pretendia mais voltar lá, não era o que tinha acabado de dizer a si mesma? Nunca mais. Mesmo que tivessem croissants deliciosos e diferentes todos os dias — ela desconfiava de que hoje era de presunto com brie e adorava aquele croissant mais que qualquer coisa no mundo.

Certo, beleza, talvez só uma olhadinha não fizesse mal. Só para ver o que tinham hoje. Seria errado?

Sim, seria! Aquele rosnado tinha sido a gota d'água. Ela frequentava a Cook's Bakeshop desde que a loja abrira. Ficou animada quando soube que haveria uma padaria tão perto do seu apartamento — a apenas algumas quadras de distância — e se alegrou por poder apoiar um negócio local, cujo dono era negro. No começo, sua caminhada até lá algumas vezes por semana — trazendo de volta para casa uma sacola cheia de doces que tinha um cheiro delicioso — era o ponto alto dos dias em que ela trabalhava de casa. Isso até ela perceber que o dono a odiava.

Daisy não fazia ideia do motivo. Será que era radiante e simpática demais para alguém tão ranzinza e grosso quanto ele? Como é que alguém poderia fazer doces tão gostosos e ter aquela cara emburrada o tempo todo? Ela sabia que padeiros acordavam supercedo para trabalhar e, provavelmente, também ficaria bem irritada se tivesse que acordar tão cedo assim todos os dias. Mas devia haver algo além disso. Toda vez que ela entrava no estabelecimento, o padeiro se virava para ela com o rosto mais

carrancudo ainda. Sim, sim, algumas pessoas poderiam argumentar que isso não existia — mas só quem não tivesse visto aquele homem mal-humorado.

Conseguia vê-lo dali, através do vidro da fachada, de costas para ela, atrás do balcão. Não dava para enxergar seu rosto, mas ele devia estar mostrando a carranca para a parede. Babacão ranzinza.

Babacão ranzinza, mas infelizmente um gato. Era uma das piores coisas nisso tudo: não eram só seus docinhos que eram deliciosos, ele também era incrivelmente gostoso. Tinha uma pele lisa, de um marrom escuro, e um porte grande e era forte, talvez por estar sempre sovando alguma massa ou algo assim. O homem sempre usava camisetas justas por baixo do avental, e tudo bem, porque isso definitivamente iluminava o dia dela quando ele esticava o braço para pegar pão para alguém em uma prateleira alta e ela via aqueles músculos se contraindo.

Talvez ele pensasse que ela era gorda demais para ficar comendo doces desse jeito. Mas ela não achava que era isso, porque as duas mulheres que trabalhavam com ele na padaria eram do tamanho dela ou até maiores. Além disso, vira o cara ser superlegal com uma adolescente fofa, linda e gorda na semana passada, que lhe fez um monte de perguntas sobre a trajetória profissional dele para se tornar padeiro. Daisy pensou que ele fosse ser grosso com ela e mandá-la sair de lá, mas ele lhe deu um docinho grátis e lhe disse para voltar depois do expediente para que pudessem conversar pelo tempo que ela quisesse. Então devia ser algo especificamente em Daisy que ele odiava.

O quadro do lado de fora da padaria informava que o croissant especial do dia era de presunto com brie. Ai, Deus, o seu favorito! Será que ela podia só...

Não, não podia. Será que ela havia se esquecido daquele dia em que voltou para avisar que ele acidentalmente tinha lhe dado três docinhos em vez de dois? Ela voltara para pagar o terceiro doce assim que percebeu o que acontecera, mas ele só soltou um

“Deixa pra lá!” e se virou. Depois disso, ele cometeu vários erros como esse, mas ela nunca mais fez questão de avisar, apesar de se preocupar um pouco que a padaria estivesse perdendo bastante dinheiro com as trapalhadas dele.

Mas *por que* é que ela se preocupava com ele e com aquela padaria besta? Ela não gostava dele, ou ela tinha esquecido? Porque ele claramente a odiava e sempre era grosso com ela e chegou até a “rosnar” para ela da última vez que ela foi lá! Talvez ele estivesse tentando engordá-la com aqueles docinhos extras para depois devorá-la feito um vilão de conto de fadas. Ela não ia voltar naquela padaria!

Então por que estava ali parada na calçada, encarando o quadro do lado de fora da loja? Ela devia ir para casa!

Só que o quadro não dizia qual era o sabor das tortinhas do dia. Era tudo o que ela queria saber. Talvez pudesse dar uma espiada pela porta para descobrir.

Hum, que estranho... Geralmente havia uma fila saindo pela porta àquela hora, mas não naquele dia. Talvez porque hoje fosse um dia estranhamente quente e abafado para a área da Baía de San Francisco, ainda mais em fevereiro. É verdade que estava fazendo apenas vinte e cinco graus, e chegaria a vinte e sete mais tarde, só que ninguém na região sabia como lidar com aquele calor, a não ser ficando com a cara no ventilador e tomando um monte de sorvete. Daisy se incluía nisso; estava planejando ir para casa depois daquela caminhada nada cansativa para tomar seu café gelado na frente do ventilador.

Aí estava outro motivo para não entrar na padaria. Ela devia apenas seguir para a próxima quadra para pegar um sorvete ou um picolé no mercado e depois voltar para casa para tomá-lo e ser feliz com aquela delícia refrescante, e não com aqueles doces feitos por aquele homem idiota e ranzinza, mas... gostoso.

Apesar de todos os bons motivos para não fazer isso, ela acabou abrindo a porta da pequena padaria. Só para se deparar com vitrines completamente vazias. Bem feito para ela, que tinha quebrado a promessa que fizera a si mesma ao entrar no

estabelecimento só para descobrir que não havia mais nada ali. Sempre vendiam tudo bem cedo, mas eram só onze horas, e ela achava que normalmente os produtos não acabavam tão cedo assim. É verdade que ela geralmente chegava perto das dez, então talvez fosse isso...

Ah, *tá*... Era Dia dos Namorados. As pessoas devem ter corrido até a padaria em busca de docinhos, rosquinhas e bolinhos e o que quer que as pessoas comprassem para levar junto com o café na cama umas para as outras.

— Está fechado! — o padeiro idiota, ranzinza e gostoso vociferou sem nem olhar para ela. — Acabou tudo!

Bem, isso respondia à sua pergunta. Ela não devia ter procrastinado tanto; devia ter ido mais cedo.

Não! Ela não devia nem ter ido! Era melhor se virar e sair logo. Assim, não precisaria interagir com ele. E nunca mais voltaria, dessa vez era sério.

Então ele ergueu a cabeça. Claro...

— Ah, é você! — o homem falou.

Nesse momento, o chão começou a tremer. Com força. Um terremoto!

Tudo aconteceu muito rápido. Ela avançou depressa para dentro da padaria para se afastar das vitrines da entrada. Então viu a enorme prateleira de arame atrás dele vibrando e o recipiente de vidro na prateleira de cima balançando.

— Cuidado! — gritou.

Ele ficou encarando-a de olhos arregalados, mas não se mexeu. Então ela o agarrou, atirando o café para o lado no processo, e puxou os dois para baixo de uma grande mesa de madeira atrás do balcão pouco antes de o recipiente cair no chão e se quebrar.

Daisy se encolheu e ele a abraçou enquanto o chão tremia. Tudo desabou ao redor. Panelas, frigideiras, livros de receitas, caixas de papelão — caindo no chão feito peças de dominó. As luzes piscaram e se apagaram. Houve um grande estrondo no lado de fora, depois outro. Até que, depois do que pareceu uma

hora, mas devia ter durado menos de um minuto, tudo se acalmou.

Na rua toda, alarmes de carros disparavam, mas, dentro da padaria, o silêncio era completo. Tudo o que ela ouvia era a respiração dele bem atrás da sua orelha, enquanto seus braços ainda a seguravam. Aqueles braços fortes e quentes...

— Você está bem? — ele perguntou.

Ela disse que sim e, em seguida, balançou a cabeça.

— Quer dizer, sim, acho que estou bem, tipo, não me feri nem nada, mas não, nossa, depois disso não estou nada bem.

Ele a apertou mais e ela se apoiou nele, tentando acalmar a respiração.

Espera! O que estava fazendo? Esse era o cara que a odiava, lembra? Que era grosso toda vez que ela entrava na padaria. De repente, afastou-se e se virou, furiosa.

— Por que você não se mexeu? Por que só ficou ali parado? Se abaixa, se protege e segura firme! É isso que se deve fazer! Você não conhece as regras básicas do que fazer em um terremoto? Olha em volta! Você poderia ter levado uma pancada na cabeça! Ou pior!

O padeiro abriu um sorriso longo e lento.

— Pelo visto, você acabou de salvar minha vida. Obrigado, Daisy. E não, não conheço as regras básicas do que fazer em um terremoto. Sou de Nova York.

Ela revirou os olhos.

— Ah, você é nova-iorquino! Agora tudo faz sentido. Vocês não param de reclamar da falta que sentem de pizza e dos *bagels* e das lojas de conveniência abertas vinte e quatro horas ou sei lá o quê! Mas, aparentemente, não gastam um segundo aprendendo o básico sobre como é morar na Califórnia! Você ficou parado! Sem se mexer! Em um terremoto! E esse foi bem forte! — Então Daisy se deu conta de uma das coisas que ele disse. — E como é que você sabe o meu nome?

Ele sorriu de novo. Por que é que estava sorrindo tanto? Os dois estavam sentados no meio do vidro quebrado enquanto

alarmes disparavam sem parar lá fora e ele estava sorrindo? Ele tinha um sorriso lindo, aliás. Dentes uniformes, brancos; boca macia e grande. Parecia até simpático.

Mas ela sabia que não era bem assim.

— Você sempre vem aqui — ele disse. — Vejo seu nome no seu cartão de crédito três vezes por semana desde que abrimos. A não ser que você tenha roubado o cartão da Daisy Murray uns meses atrás.

Ela não ia lhe dar a satisfação de rir daquela piada ridícula.

— Bem, então qual é o seu nome, já que você sabe o meu?

Ela já sabia o nome dele, claro. Tinha lido vários artigos sobre a padaria antes da inauguração, mas não ia dar o braço a torcer.

Ele estendeu a mão para ela.

— Harris. Harris Cook. Prazer em finalmente te conhecer, Daisy.

Daisy estreitou os olhos enquanto apertava a mão dele.

— Harris, aconteceu alguma coisa? Você bateu a cabeça durante o terremoto ou algo assim?

Ele deu risada — um estrondo caloroso que a teria feito sorrir de volta se não estivesse cheia de adrenalina e raiva.

— Acho que não. Minha cabeça está bem. Por quê?

Daisy franziu a testa.

— Porque você não para de *sorrir*. Parece forçado. Nunca notei você sorrir até dois minutos atrás, e já te vi aqui na padaria pelo menos uma dúzia de vezes.

— Mais que uma dúzia, eu diria.

Ela quase sibilou um “Não me diga”, mas se conteve. Isso, provavelmente, só o faria sorrir de novo daquele jeito estranho e simpático. Olhou em volta.

— O que estamos fazendo aqui embaixo da mesa até agora? — Daisy ficou de joelhos para sair dali, mas Harris a segurou.

— Espere, tem vidro quebrado por toda parte e você está de vestido. Deixa eu varrer aqui primeiro.

Ela se sentou enquanto Harris se levantava.

— Vou lá nos fundos pegar a vassoura — ele disse.

Por que ele falou isso? Será que pensou que ela ficaria ansiosa de ser deixada ali sozinha? Seria um *alívio* ficar sem ele!

Se bem que... ela ficou grata pela presença dele durante o terremoto, enquanto estavam debaixo da mesa. Como californiana nativa, ela se orgulhava da sua calma em relação aos terremotos. Até gostava deles. Pelo menos, sempre pensou que gostava.

Só que ela nunca tinha enfrentado um terremoto como aquele antes. Um que não fizesse apenas algumas latinhas de alumínio caírem, mas quase tudo à sua volta desabar e se quebrar. Ela culparia o imbecil do Harris Cook, o nova-iorquino, por não ter uma padaria à prova de terremotos, se não fosse evidente, pela duração e pela gravidade do tremor, que esse tinha sido dos grandes.

Foi o que ela disse.

— Do que você está rindo? — Harris quis saber, voltando ao salão.

— Nada. Recebi uma mensagem... Enfim, não foi... nada. — Ela pegou o celular para conferir alguma verossimilhança à frase e viu várias notificações na tela do aparelho. — Seis vírgula oito. Nossa! Eu estava certa: foi dos grandes. — Daisy se forçou a conter mais uma risadinha inapropriada. Talvez *ela* tivesse batido a cabeça.

— Não sei o que isso significa, mas acredito em você — Harris falou. — Se esse terremoto não foi forte, talvez eu tenha que abandonar essa padaria e voltar pra Nova York hoje mesmo. Acho que não consigo lidar com nada mais forte que isso.

Enquanto ele varria o chão, ela abriu a conversa do grupo da família.

Foi assustador mas estou bem, respondam tbm gente!

Depois de enviar a mensagem, escreveu para os alguns grupos e amigos da região para dizer que estava bem. Ou melhor, mais ou menos.

— Beleza, acho que agora está mais seguro pra você sair — Harris anunciou.

Antes que ela rastejasse para fora, Harris ergueu a mesa e a colocou contra a parede, depois ofereceu a mão para ajudá-la. Ela não queria aceitar a gentileza, mas ainda estava se sentindo um pouco abalada e era útil ter aquela mão para se segurar. Já de pé, ela a soltou quase relutantemente.

— Obrigada — falou. Afinal de contas, não queria ser desagradável como ele. — Hum, bem, foi ótimo, obrigada pelo... hum, abrigo, mas preciso ir pra casa pra ver o estrago, ligar pros meus pais e tal.

Ele soltou aquela risada estrondosa e grave de novo, apontando para a janela na frente da padaria.

— Acho que você vai ter que esperar um pouquinho.

Daisy se virou para ver o que ele estava apontando e soltou um suspiro de susto. A enorme placa em que se lia BAKESHOP tinha caído no chão bem na frente da porta, bloqueando a saída.

— Ah, não! Estamos presos aqui? Peraí! Não tem nenhuma porta nos fundos?

Harris assentiu, mas pela sua expressão ela soube que ele anunciaria más notícias.

— Tem uma porta nos fundos, sim, mas vi uns cabos no chão ali fora quando fui pegar a vassoura. Tentei ligar para os bombeiros, mas só deu ocupado. Vou ligar de novo daqui a pouco, mas...

— Vamos ficar presos aqui dentro por um tempo — ela completou.

— Isso.

Óbvio. Claro que ficaria presa na sua padaria favorita sem nenhum docinho e ainda por cima com o padeiro que a odiava, depois de ter enfrentado um terremoto gigantesco no Dia dos Namorados. Que sorte!

Ela se virou para a janela da frente. Havia estilhaços de vidro pela rua toda, plantas enormes e vasos quebrados no chão, e várias pessoas paradas, claramente tentando fazer ligações

telefônicas — sem sucesso. Fazia sentido Harris não conseguir contato com os bombeiros.

— Quanto tempo será que vai demorar pra energia voltar? — Daisy perguntou.

Sem pensar, pegou o celular para pesquisar, mas claro que não conseguiu abrir nenhum site. Tudo bem. Ela não estava vendo aquelas pessoas lá fora sem conseguir usar o celular? Torceu para que as mensagens que havia mandado para a família tivessem sido entregues, mas era provável que não, já que não recebera nenhuma resposta. Sua irmã tinha uma livraria, e, depois de ver tantas coisas caindo das prateleiras da padaria, ela tremeu só de pensar no que o terremoto teria causado por lá.

Decidiu mandar outra mensagem rápida só para garantir.

Dahlia, você está bem? Me avise o mais rápido possível, ok???

— Mensagem não entregue —

Que saco! Tentou mais duas vezes, mas as mensagens continuaram não sendo entregues. Depois ligou para ela, e deu ocupado. Então achou melhor esperar uns minutinhos antes de ligar de novo. Enfiou o celular de volta no bolso.

— Parece que tem alguma coisa errada com as torres de telefonia. Meu celular também não está funcionando. Bem... Acho que poderia ter sido pior.

Harris concordou e apontou para as janelas.

— Pelo menos essas não quebraram, ao contrário das janelas do pobre Julio da floricultura.

Daisy olhou para as janelas de Julio do outro lado da rua e, depois, para a pesada placa bloqueando a porta da padaria. Seus olhos se arregalaram, e ela se sentou em uma cadeira dobrável ao lado da mesa que os protegera tão bem.

— Pois é. E se o terremoto tivesse começado alguns segundos antes, ou se eu tivesse hesitado na porta uns segundos a mais, estaria do lado de fora, bem embaixo daquela placa, quando ela caiu. Realmente poderia ter sido muito pior.

Ele sorriu de novo. Por que é que não *parava* de sorrir?

— Então fico mais feliz ainda por você estar aqui comigo. — Antes que ela descobrisse como responder, Harris continuou: — Emergências já são ruins, mas com o estômago vazio… Vou pegar uns docinhos pra você.

O terremoto realmente devia ter danificado o cérebro dele.

— Você não tinha vendido tudo? — ela falou com o máximo de gentileza que conseguiu. — As vitrines estavam vazias!

Harris não olhou para ela.

— Ah… Bem, hum… Eu tinha separado umas coisinhas antes. Vou pegar.

Ele se virou para a vitrine, e foi aí que ela viu o sangue. Daisy se levantou com tudo, suspirando.

— Você bateu a cabeça sim! Está sangrando.

— Não bati — ele falou, voltando ao velho mau humor. Agora sim. Pelo menos Daisy soube que ele não estava tão alterado assim. Ele tocou cuidadosamente a parte de trás da cabeça e olhou para os dedos. — Ah…

— Pode sentar. — Ela o empurrou para a cadeira em que estava sentada e olhou em volta. — Espera um pouco.

Foi até a pia nos fundos, pegou um pano de prato limpo e o molhou. Pelo menos ainda havia água, apesar de não haver eletricidade.

Daisy meio que esperava que o padeiro fosse se levantar, mas estava lá sentadinho quando ela voltou.

— Só vou limpar a ferida pra ver se você está bem. Olha pra baixo. — Ele abaixou a cabeça obedientemente e ficou olhando para a mesa enquanto ela limpava o sangue com cuidado dos seus cachinhos escuros e curtos. — Ah, achei. O corte é pequeno, só que ferimento na cabeça sempre sangra bastante. Acho que você vai ficar bem, mas você estava certo: é melhor comer alguma coisa. E beber água também.

Seus olhos estavam semicerrados, e ele parecia não estar prestando nenhuma atenção.

— Você é muito boa nisso, sabia? — ele disse. Depois ergueu a cabeça e sorriu. — Tenho a impressão de que você é boa em

várias coisas.

Daisy sorriu de volta para ele por apenas meio segundo antes de se dar conta do que estava fazendo. Então o encarou.

— Você está *me paquerando*? Aqui? *Agora*?

Será que ela estava imaginando tudo isso? Se não, o cara devia *mesmo* ter sofrido alguma concussão ou algo assim.

Ele balançou a cabeça e tremeu um pouco.

— Não, claro que não. Seria ridículo tentar paquerar você quando estamos presos dentro da minha padaria depois de um terremoto e enquanto eu estou com a cabeça sangrando. Eu jamais faria isso. — Então o brilho de um sorriso surgiu em seus olhos. — Mas, se eu estivesse, estaria dando certo?

Ela não estava acreditando.

— *Não* — ela disse, tentando manter uma expressão séria no rosto. E temendo não ter conseguido. Daisy se afastou e caminhou até as vitrines. — Onde estão esses docinhos secretos? Precisamos comer alguma coisa.

Ele se levantou.

— Está tudo bem. Eu posso... — Ela olhou para ele. Harris parou de falar e se sentou de novo. — Certo, pode pegar. Estão naquela caixa, no fundo da prateleira de baixo.

Ela abriu a porta da vitrine e pegou a caixa.

— O que são esses docinhos secretos afinal?

Daisy colocou a caixa na mesa e desdobrou uma cadeira.

— Ah, só os meus favoritos do dia! — ele respondeu sem olhar para ela.

Será que ele não queria que ela comesse seus preciosos docinhos? Que pena, porque ela estava presa na padaria dele depois de um terremoto que ocorre uma vez a cada geração! Ela ia comer tudo, quer aquele padeiro gostasse ou não!

Quando Harris abriu a tampa da caixa, ela fechou os olhos para sentir os incríveis aromas que subiram dali. Manteiga e queijo e chocolate e algo frutado, tudo misturado. Em seguida, abriu os olhos para poder olhar para aqueles lindos, perfeitos e folhados pedacinhos do paraíso, aninhados juntos na caixa.

— Huuum! Tem um de cada croissant recheado do dia: um de presunto com brie, e um de acelga, alcachofra e queijo feta. Também tem pastel dinamarquês com chocolate e framboesa e rosquinha de coalhada de limão. Ah, e duas tortinhas!

Apesar das descrições de dar água na boca, seu tom monótono e hostil estava de volta. Certo, beleza, pelo menos ela não precisava mais se preocupar de ele estar machucado nem nada disso. Ele continuava o mesmo de sempre. Enfim... Já que estava presa com ele, ia comer aquelas gostosuras e aproveitá-las muito bem, pois aquela era definitivamente a última vez que pisaria ali. Afinal, o universo não tinha acabado de lhe dar um sinal inconfundível de que ela nunca mais deveria voltar?

— Do que são as tortinhas? — ela só perguntou porque tinha que decidir qual comer primeiro, claro.

— Amora com *yuzu*. — Ele se levantou. — Vou pegar uns guardanapos. E pratos.

Harris se afastou e Daisy ficou ali de boca aberta.

Amora? Ele tinha feito tortinha de amora sabendo que era a sua favorita? Talvez o Harris não tivesse ouvido quando ela falou naquele dia. Mas não, ele ouviu sim, ela tinha certeza. Talvez tivesse planejado fazer tortinha de amora aquela semana, de qualquer maneira, e quando ela mencionou que era seu sabor predileto, ficou bravo por já ter decidido fazê-las.

Bem, se era para ficar presa dentro da padaria com ele depois de um terremoto aterrorizante, que fosse para pelo menos poder comer uma tortinha de amora com *yuzu*.

Falando no terremoto... Ela tirou o celular do bolso. Ainda não tinha recebido nenhuma mensagem, o que significava que, definitivamente, havia algo muito errado com o aparelho ou com a rede telefônica. Tentou escrever para a irmã mais uma vez, mas não teve sorte. Queria continuar tentando, porém se obrigou a guardar o celular para economizar bateria.

Harris voltou, colocou dois pratos e uns guardanapos na mesa e se sentou na frente dela com a típica cara amarrada.

Daisy sorriu para ele.

— Ah, assim está melhor… — ela disse.

— O quê? — ele perguntou, ranzinza.

Excelente, de volta ao normal. Ela não sentiria nem um pouco de falta daquele sorriso largo, simpático e até meio doce dele.

— Essa cara… — ela disse, abanando a mão para ele. — Você sempre faz essa cara quando entro na padaria, como se preferisse tacar fogo no lugar a me ver pisando aqui. Você ficou tão estranho e sorridente depois do terremoto que fiquei pensando que ele tivesse feito uma mágica com você ou algo assim.

Harris apenas a encarou.

Ela deu uma risada alta — provavelmente alta e longa demais, pois estava levemente histérica. Mas quem poderia culpá-la? Estava presa em uma padaria com um homem que a odiava, após um terremoto de magnitude seis vírgula oito, não havia energia em nenhum lugar, ela não fazia ideia se seus parentes estavam bem e o homem que a odiava tinha acabado de lhe presentear com uma caixa com os doces mais lindos que ela já tinha visto na vida. O que era claramente muito engraçado.

— Tem café pra acompanhar esse banquete? — Daisy perguntou, soltando outra gargalhada.

Às vezes, ela se acabava de rir do nada. A expressão inflexível no rosto de Harris deixou claro que ele não compartilhava do senso de humor dela, o que só a fez rir ainda mais.

Isso, definitivamente, era melhor do que chorar, o que ela quase fez quando ambos estavam debaixo da mesa. E também quando ela pensou na irmã, que ainda não tinha lhe respondido.

Quando enfim se controlou, ela pegou uma tortinha. Em geral, gostava de guardar o melhor para o final, mas dane-se. A essa altura, ela provavelmente devia mandar alguma alegria para dentro do seu corpo o mais rápido possível.

Ela deu uma mordida na torta e teve que fechar os olhos para saboreá-la direito. A massa era crocante por fora, tinha uma leve camada de açúcar por cima e derretia na língua, revelando, camada após camada de massa folhada, o recheio de amoras suculentas e docinhas e azedinhas, com uma nota floral e cítrica

de *yuzu*. Meu Deus! Aquele homem podia ser um babaca, mas sabia fazer doce! Ela sorriu para a torta e deu outra mordida.

— Gostou? — Harris perguntou de um jeito sarcástico, ao perceber aos suspiros extasiados dela.

Mas que inferno! De qualquer maneira, responderia porque *ela* era um ser humano gentil e generoso.

— Não só gostei, mas, neste momento, pela primeira vez, estou feliz por ter vindo aqui hoje.

Ele franziu a testa. Claro... Aquele homem não conseguia aceitar um elogio! Ou talvez só estivesse ranzinza porque ela gostou da torta e temia que ela fosse querer voltar. Bem, com isso ele não precisava se preocupar.

— Como assim você ficou feliz pela primeira vez de ter vindo aqui hoje? Você não acabou de dizer que, se não tivesse entrado, estaria debaixo daquela placa agora?

Ela gesticulou com a mão enquanto engolia o terceiro pedaço.

— Sim, sim, claro que fiquei aliviada por ter entrado em vez de ter ficado ali fora hesitando uns segundos a mais, mas eu tinha prometido pra mim mesma que nunca mais voltaria aqui. Então, obviamente o terremoto foi meu castigo por eu ter quebrado a promessa.

Agora ele parecia mais bravo ainda. Ela pensou que ele ficaria feliz por ela não querer mais voltar.

— Por que você prometeu a si mesma que não voltaria mais? — Ele fez uma careta. De novo. — Não está tentando emagrecer, né?

Olha aí... Era por isso que ela não devia ter ido ali, com ou sem doces de outro mundo.

— Que coisa mais grosseira de se dizer, até mesmo vindo de você! E não, pra seu governo, não estou. Gosto de mim do jeitinho que eu sou.

Harris concordou.

— Graças a Deus! Então por que você prometeu a si mesma que não voltaria mais?

Ele não conseguia calar a boca e deixar ela saborear o doce, não é?

— Porque você me odeia. Por isso! Você sabe e eu sei. Toda vez que venho aqui, você faz questão de deixar claro que queria que eu estivesse em qualquer outro lugar que não aqui, e eu finalmente ia realizar seu desejo! Agora, você pode, por favor, me deixar saborear os últimos docinhos seus que vou comer na vida e depois me ajudar a descobrir como dar o fora daqui pra poder ir pra casa e ver se meu apartamento ainda está de pé? — E então ligar para os pais e tentar falar com a irmã de novo e quem sabe dirigir até a livraria, se sua irmã não atendesse, e...

Ela afastou os pensamentos desesperados, que não ajudavam em nada. Era melhor se distrair batendo boca com Harris e comendo os doces dele. Ela olhava para ele. Ele a encarava, inexpressivo, e não dizia nada. Beleza então! Ela só ia terminar de comer aquela tortinha deliciosa que ele tinha guardado para si mesmo e lamberia os dedos depois. Por que diabos ela não lamberia os dedos, se quisesse? Não era como se estivesse tentando impressioná-lo. Ela não dava a mínima para aquele cara.

Foi só quando Daisy terminou a tortinha e pegou o croissant de presunto com brie que ele finalmente disse algo:

— Você acha que eu te odeio?

Ela ficou olhando para ele. E não entendeu sua expressão.

— Bem... No primeiro dia que vim aqui, na inauguração, você fez cara feia quando me ouviu dizer algo pra uma amiga na fila e depois deu risada. Nem lembro o que eu falei, mas me lembro da sua cara e do jeito que você me olhou. Depois disso, você foi inacreditavelmente grosso comigo toda vez que entrei por aquela porta, inclusive hoje. Aliás, logo antes de eu salvar a sua vida. E quase gritou comigo aquela vez que eu tentei pagar pelo doce extra que você me deu por engano. Então, sim, não sou burra. Já entendi.

Harris abriu aquele sorriso longo e lento de novo.

— Eu não te dei aquele doce por engano.

Ele não devia se lembrar.

— Estou falando daquela vez que você me deu três doces e eu só tinha pagado dois. Eu voltei e...

— Eu sei. Não te dei aquele doce por engano. Daisy Murray... Daisy é seu nome de verdade?

As pessoas viviam perguntando isso. Ou elas perguntavam isso ou diziam que tinham alguma cachorra chamada Daisy.

— *Sim*, claro que Daisy é meu nome de verdade. Está até no meu cartão de crédito e tudo, esqueceu? Enfim, o que você estava falando?

Ele soltou uma risadinha.

— Ah, é! Esqueci. Sim, eu estava falando, Daisy Murray... Você nunca se perguntou por que sempre sai dessa padaria com mais itens do que pagou?

Daisy deu de ombros.

— Pensei que você fosse bom na cozinha, mas péssimo em matemática. Sinceramente, até fiquei preocupada que o seu negócio não fosse prosperar, se você vivia dando coisas grátis pra todo mundo.

Ele balançou a cabeça.

— Eu não vivia dando coisas grátis pra *todo mundo*. Estava dando coisas grátis pra *você*. Porque me apaixonei por você no instante em que ouvi a sua risada aquele dia.

Ele só podia estar brincando.

— Ah, fala sério! Não precisa...

— E lembro o que você disse aquele dia. Pensei nisso um monte de vezes todos os dias desde então. Primeiro você disse: "Estava tão ansiosa pela inauguração dessa padaria que até parecia o Super Bowl ou algo assim". E você deu risada. E daí eu olhei pra você e vi seu rosto radiante e seus olhos brilhantes. Depois, você falou: "Ah, meu Deus, olha só aqueles docinhos! É uma coisa pornográfica pra mim!". E deu uma risada de novo. Nessa hora, tive que olhar pro outro lado, porque aquilo me fez imaginar um monte de coisas que eu não deveria ficar imaginando na inauguração da minha loja. Acho que te olhei de

um jeito estranho. Não foi de propósito… Meu rosto faz isso de vez em quando.

Agora ela sabia que ele tinha mesmo levado uma pancada na cabeça.

— Você se apaixonou por mim porque eu falei que seus docinhos eram pornográficos? Primeiro, as pessoas falam assim o tempo todo, não sou a primeira a fazer essa comparação. Você nunca viu aqueles padeiros sem camisa no Instagram sovando massa e gemendo como se alguém fosse atirar dinheiro neles no Clube das Mulheres?

Ela parou de falar e o encarou. Nossa, aqueles braços! Tão grandes… e fortes… e firmes! Talvez de tanto sovar massa…

— Você devia fazer isso, aliás. Primeiro, aposto que conseguiria várias seguidoras e venderia toda a sua produção ainda mais rápido todos os dias. Segundo, mesmo se eu acreditasse no que você está dizendo, o que não acredito, não existe isso de se apaixonar por alguém depois de ver a pessoa uma vez na fila e ouvir ela falando duas coisinhas. Você só deve ter me achado atraente, o que me deixa surpresa e lisonjeada… E eu estava com um decote enorme aquele dia, mas…

Ele a interrompeu de novo.

— Não sei por que você está surpresa e lisonjeada, porque você é maravilhosa, mas não, não te achei “só atraente” nem foi só por causa do seu decote, que sim, era e é bastante impressionante.

Harris disse que Daisy era maravilhosa. Será que quis mesmo dizer isso? Ele usou aquele tom meio furioso e não pareceu nem um pouco um elogio.

Então talvez não fosse.

Será que *ela* havia levado uma pancada na cabeça durante o terremoto? Ele estava mesmo falando aquelas coisas?

Ele continuou:

— Falei sério: me apaixonei por você naquela hora. Avalio bem as pessoas, sabe? Só que tinha tanta coisa acontecendo com a abertura da padaria e eu tentando manter tudo funcionando

enquanto falava com a imprensa e tal que eu sabia que não devia nem tentar namorar. Principalmente não uma cliente, já que eu não queria que você se sentisse estranha ao vir aqui. Então não fiz nada. Mas você continuou vindo e ainda por cima era legal pra caramba com todo mundo. Você aprendeu o nome de todos os funcionários, dava boas gorjetas, agradecia. Uma vez, você saiu correndo, deixando seus doces pra trás quando viu que umas pessoas tinham esquecido de guardar o carrinho de bebê no carro e foram embora, e você alcançou o carro deles já no semáforo. Pô, você até voltou pra pagar um docinho grátis que eu te dei, o que, te garanto, não é algo que todo mundo faz.

Harris realmente prestava atenção em Daisy toda vez que ela ia à padaria. Assim como Daisy prestava atenção em Harris, apesar de tentar não ligar para ele. Apesar de fingir para si mesma que não ligava.

— Eu não queria que você perdesse dinheiro — ela disse. — Gosto muito mesmo dos seus doces e queria que a padaria fosse um sucesso.

— *Está vendo?* — Harris falou com aquela voz furiosa de novo. — Não dá pra acreditar. Você é ridícula! E isso é um elogio!

Ela deu risada.

— Talvez você precise trabalhar na sua forma de elogiar os outros, principalmente se tem que explicar que é um elogio depois, sabe.

Um calor e uma agitação borbulharam no seu peito ao notar a expressão no rosto dele. O jeito como ele olhava para ela... Bravo e confuso e interessado e... atraído? Sim.

— Tem razão — ele concordou. — Acho que também preciso trabalhar nas minhas expressões faciais. Já que você claramente não entendeu os milhares de dólares de docinhos grátis que eu te dei nos últimos meses.

Daisy ficou encarando Harris por um longo tempo e depois sorriu.

— Gosto do seu rosto. Bastante, aliás. Especialmente agora que sei que a sua cara de bravo é a de alguém normal sorrindo.

— Ela comprimiu os lábios. — Hum... Só não sei o que significa quando você sorri.

Ele permaneceu sério, mas ela percebeu que ele estava se esforçando para não sorrir. Dava para notar pelas ruguinhas em volta dos seus olhos, pela forma como suas feições suavizaram um pouco e pela covinha no lábio superior.

— Acho que significa que é como se uma pessoa normal estivesse sorrindo muito — ele disse. — Além disso, tem um problema: falando em sorrisos, você sorri muito mais que qualquer um que eu conheço. Eu via que não era nada falso, nada em você parecia falso, mas também não sabia o que os seus sorrisos significavam.

Daisy suspirou.

— Eu sei, isso é um problema de verdade pra mim. Eu naturalmente tenho uma cara festiva.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Cara festiva?

Ela assentiu.

— É. Tipo o contrário de cara de enterro. Você sabe porque a sua cara é a definição literal disso. Pois então: eu tenho uma cara festiva. Não é culpa minha. Não consigo evitar. Minha cara é assim. As pessoas vivem me pedindo direções na rua. Não é porque eu sei pra onde estou indo, é porque pareço simpática.

— Talvez seja porque você *é* simpática.

Ela revirou os olhos.

— Bem, sim, mas elas não sabem disso.

Harris revirou os olhos de volta, e ela deu uma risada.

— Está vendo? — ele disse. — É por isso que eu não entendia qual era a desses sorrisos! Eu não sabia se você estava sorrindo especialmente pra padaria e, em consequência, pra mim ou se você estava sorrindo por outra coisa e a gente só estava no meio do caminho. Um dia, você não sorriu quando entrou, nem quando viu o bolo com granulado colorido e glacê que sei que você adora...

— Adoro esse bolo mesmo.

— E quase saí correndo da padaria atrás de você pra te perguntar se tinha alguma coisa errada. Mas pensei que você me acharia maluco, então não fiz isso. Fiquei preocupado, mas daí você voltou dois dias depois com o sorriso de volta.

Ela respirou fundo.

— Ah, lembro daquele dia. Eu... tinha tido um dia de merda.

Daisy tinha feito uma besteira no trabalho e uma amiga a ignorara, sendo que ela já estava deprimida e ansiosa, então ela meio que tinha ficado paranoica, se perguntando se era mesmo boa no que fazia ou em alguma coisa que prestasse e se alguém se importava com ela.

Harris notou Daisy aquele dia. Percebeu que havia algo errado.

— Vim aqui aquele dia esperando que seus docinhos me animassem um pouco — ela falou.

— Funcionou?

Ela sorriu.

— Totalmente.

Daisy pegou a rosquinha de coalhada de limão e partiu um pedaço.

— Tenho uma pergunta pra você — começou. Deu uma mordida no doce e suspirou de alegria. — Nossa, que delícia! Adoro coalhada de limão.

— Eu sei — ele falou. — Eu também. — E pegou um pedaço também. — Pergunta.

— Você tinha algum plano? Tipo, além de me dar doces grátis e torcer pra que eu percebesse que você estava a fim de mim?

Uma expressão envergonhada e sarcástica se espalhou pelo rosto dele. Ela adorou.

— Esse era o plano... Não pensei muito além disso. Não foi nada do tipo “Faça ela continuar vindo na padaria, dê um monte de docinhos”. Não. — Ele franziu o nariz. — Pensando bem, acho que não foi o melhor plano do mundo...

Ela balançou a cabeça afirmativamente.

— Não mesmo. Até porque pensei que você me odiasse, sabe?

Harris concordou.

— Certo, certo, teve isso. — Ele se inclinou na direção de Daisy com um sorrisinho. — Beleza então. E qual *seria* um bom plano? Sou todo ouvidos.

Essa era, provavelmente, a conversa mais estranha da sua vida. Isso sem contar o elemento presa-na-padaria-por-conta-de-um-desastre-natural. Mas ela resolveu seguir em frente.

— Hum... Bem, pra começar, você podia ter me falado alguma coisa na inauguração. Podia ser um "Obrigado pela presença". Quem sabe com um sorriso no rosto? Eu teria respondido "Ah, o prazer é todo meu! Estou superfeliz de ter você no bairro", ou talvez "Adorei tudo o que experimentei aqui, mal posso esperar pra experimentar mais coisas", dependendo do que você falasse. — Ela parou para pensar um pouco. — Daí, na vez seguinte você poderia ter falado "Seu nome é Daisy, né? Prazer te conhecer", e eu teria dito "Sim, sou a Daisy! O prazer é meu". E você poderia falar "Até logo", e eu responderia "Com certeza, até logo". Daí, depois da primeira vez que você me desse um docinho grátis e eu voltasse pra pagar, você poderia dizer "Não precisa. É por conta da casa". Quem sabe com uma piscadinha? — Ela fez outra pausa e balançou a cabeça. — Não, nada de piscadinha. Você não parece do tipo que dá piscadinha pras mulheres.

— Não, não sou. Ainda bem que você percebeu.

Ela concordou.

— É, melhor sem a piscadinha. Mas daí, nas outras vezes em que você me desse docinhos grátis, ou pelo menos algumas das vezes, você faria questão que eu te visse enfiando um doce extra na minha sacola. E eu diria "Harris, não precisa...". E você responderia "Mas faço questão!", e eu me derreteria um pouquinho.

— É mesmo?

Harris se inclinou mais para perto, com seu cheiro de

amoras e caramelo. Ela se esforçou para não ficar tão na cara que estava se deliciando com seu “perfume”.

— Sim, com certeza. O que posso dizer? Eu me derreto facilmente. Não consigo evitar.

Ele riu com os olhos. Como é que ela nunca tinha percebido quão grandes, calorosos e escuros eram os olhos dele?

— Continue — ele disse.

Daisy engoliu em seco e continuou:

— Mas você se preocuparia em não passar dos limites, porque não queria me fazer pensar que eu tinha que parar de vir aqui. Então você prestaria atenção pra ver se, tipo, eu ia insistir em pagar os docinhos e como eu reagiria quando você me desse um.

— A última coisa que ia querer é te deixar desconfortável — ele disse.

— Sim. Imaginei que você fosse esse tipo de cara. — Daisy sorriu, e ele sorriu de volta. Ela respirou fundo e continuou: — Daí, alguma hora que eu viesse, você podia deixar um bilhete na sacola dos docinhos dizendo que você adoraria me conhecer melhor, e, se eu não estivesse interessada, não seria problema nenhum, mas se eu estivesse, ali estava seu número pra que eu te mandasse mensagem.

Harris concordou devagar.

— Eu passaria a bola pra você. Gostei disso. É um ótimo plano pro que eu deveria ter feito. — Ele coloca a mão tão perto da mão dela que Daisy sente seu calor. — Só que aí está o problema: todas essas são ótimas ideias, mas são só ideias do que eu poderia ter feito. Eu te perguntei qual seria um bom plano no presente.

Ela fez uma expressão confusa. Então Harris explicou:

— Porque não posso voltar no tempo e mudar o que fiz no passado, sabe? Mas posso tentar fazer algo agora.

Ah!

Ela teve um branco. Ela só conseguiu ficar encarando-o.

— Eu… Hum…

— Espero que você tenha uma boa ideia, porque nesse momento estou sentado aqui sozinho na minha padaria com a mulher dos meus sonhos no Dia dos Namorados, com uma caixa cheia de docinhos que guardei pra ela na esperança de que ela viesse hoje...

— Você guardou esses docinhos pra mim? — Provavelmente ela não devia interrompê-lo, pois Harris acabara de lhe chamar de mulher dos sonhos dele, mas não conseguiu evitar.

Harris deu aquela risada grave e estrondosa que a surpreendera tanto da primeira vez que ela a ouvira, menos de uma hora atrás. Era só isso mesmo que tinha se passado desde o terremoto? Não parecia.

— Por que você acha que, em um dos dias mais movimentados do ano, eu deixei uma caixa de docinhos guardada? Você não acha que eu faço isso todos os dias pra me preparar pra alguma emergência, né, agora que sabe que eu não sei nada sobre como me preparar pra um terremoto? E você não pode achar de verdade que foi só uma coincidência eu ter feito tortinhas de amora hoje, logo depois de você comentar que é seu sabor favorito. Eu colhi e congelei essas amoras no verão. Não planejava usar agora no Dia dos Namorados, mas depois que você falou aquilo entendi que precisava usar.

— Ah! — respondeu, sem saber o que mais dizer.

— Guardei esses doces hoje de manhã, pois sabia que hoje seria movimentado e que provavelmente venderíamos tudo mais cedo. Você costuma vir de segunda, quarta e sexta, então pensei que te veria hoje. Pelo menos, estava torcendo pra que sim.

— Esses são os dias que eu trabalho de casa. Não acredito...

— Que eu percebi? — Ele a olhou daquele jeito zombador que ela odiava tanto antes. — Eu presto bastante atenção em você, especialmente em quais são os seus doces preferidos. Então guardei um de cada nessa caixa. Mas você não veio no horário de sempre, daí pensei que não viria mais. Me senti um bobo, principalmente porque, na verdade, eu nem deveria estar aqui hoje. Uma artista famosa encomendou um bolo de casamento e

eu deveria ter saído correndo com o bolo e supervisionar as decorações de última hora, mas em vez disso mandei a Ella pra poder ficar aqui, só pra garantir. — Harris balançou a cabeça. — Não acredito que acabei de confessar tudo isso em voz alta. Enfim, acho que esse era o meu plano: te dar seus docinhos favoritos no Dia dos Namorados e torcer pra que...

Daisy o beijou. A princípio, Harris não reagiu, fosse pela surpresa ou pela falta de vontade. Ela não tinha como saber. Então ela começou a se afastar. Até que Harris a envolveu em seus braços e a puxou para perto, beijando-a com força. Daisy colocou uma das mãos na nuca e a outra na camisa dele, segurando-o firme.

Ela se entregou ao beijo. E esqueceu o mundo à sua volta; parou de ouvir as sirenes e os alarmes disparados no lado de fora da padaria, esqueceu de se preocupar com a irmã, que ainda não tinha lhe retornado a mensagem, esqueceu de tudo... Exceto dos lábios dele em sua boca, dos braços que a envolviam, do jeito como ele a fazia se sentir, dos barulhinhos que produzia.

Seus lábios eram carnudos e firmes, e nossa senhora, como eram deliciosos! Harris ainda tinha um pouco de açúcar e gosto de limão na boca, que ela lambeu. Daisy sentiu sua risada estrondosa e ele mergulhou em outro beijo. Ela passou a mão pelo seu peito largo e sólido e ele estremeceu. O toque dela o afetava desse jeito. Que tesão incrível!

Harris a puxou da cadeira e a colocou em seu colo, e ela se virou para encará-lo. Ele riu de novo e beijou suas bochechas, seus cabelos, seus lábios.

— Pô, Daisy! Você vai acabar comigo!

Ele enfiou o rosto no pescoço de Daisy, beijando-a e mordiscando sua pele até ela gritar. Depois, segurou seu rosto, puxando-a para si, e os dois se beijaram de novo, com os corpos entrelaçados, respirando rápido. Ela se movia contra Harris, sentindo-o completamente, e ele gemeu em sua boca. O gemido a fez se sentir poderosa — estava fazendo aquilo com ele, ela o deixava daquele jeito, desejando-a tanto.

— Você tem ideia de quantas vezes sonhei com isso? — ele falou em seu ouvido.

Daisy balançou a cabeça enquanto Harris a encarava.

— Muitas vezes — ele disse. — Mas a realidade é muito melhor que minha imaginação.

Isso estava mesmo acontecendo? Ele estava mesmo dizendo todas aquelas coisas para ela? Ele voltou a puxar o rosto dela e a beijou de novo. A forma como os lábios dele roçavam contra os dela fazia seu corpo todo tremer. Bem, aquilo devia ser o universo respondendo à pergunta dela com um alto e sonoro sim!

Ela se inclinou para beijá-lo mais uma vez, mas quando seus lábios se tocaram... O celular dela vibrou no bolso.

Não, ignora isso, Daisy. Isto aqui é muito mais importante.

Só que o celular continuou vibrando sem parar, chamando sua atenção. Tudo bem, um terremoto grave tinha acabado de ocorrer. Podia ser seus pais ou sua irmã avisando que havia algo errado.

Ela o beijou suavemente nos lábios e depois na bochecha e se afastou.

— Vou precisar, hum...

Harris fez que sim.

— Claro...

Daisy se levantou do colo dele e pegou o celular. Harris manteve o braço em torno dela enquanto ela se sentava na cadeira ao lado.

> Mãe: Estamos bem! Várias coisas caíram, mas nada grave aconteceu. Responda quando puder, por favor!!!
>
> Dahlia: Não sei se você recebeu as outras mensagens. Estou na livraria. Está tudo uma bagunça aqui e não temos energia, mas estou bem e a equipe toda está bem também. Mandei todo mundo pra casa e vou embora daqui a pouco.

Daisy explodiu em lágrimas. Harris imediatamente a puxou para si.

— Está tudo bem. Estão todos bem — ela falou. — Estava tão preocupada... Tentei não ficar pensando nisso, mas eles estão

bem.

Harris afastou uma mecha de cabelo do rosto dela e beijou sua bochecha.

— Que bom — ele falou.

Daisy apoiou a cabeça no ombro dele enquanto escrevia para a família e verificou as outras mensagens. Pelo visto, as torres de telefonia tinham voltado a funcionar, e ela havia recebido várias mensagens no tempo em que os dois estavam se amassando feito adolescentes.

Só que dar uns amassos em Harris era *muito* melhor que os amassos que ela dava quando era adolescente.

> Amy: Tá todo mundo bem??? Os gatos surtaram, a energia acabou, mas estou bem.
>
> Kayla: Idem pra tudo. Bem, exceto pelos gatos, pq não temos gatos. tô bem abalada, pra ser sincera, mas blz.
> Kayla: Não quis fazer piada com o "abalada" e o terremoto, mas sabem que é verdade.

Daisy deu risada e enxugou os olhos. Ela queria desesperadamente escrever para as amigas: "Adivinhem o que andei fazendo com aquele padeiro gostoso enquanto estávamos presos na padaria???". Mas seria arriscado demais fazer isso com Harris literalmente ao seu lado, então só respondeu dizendo que estava bem e escreveu para algumas outras pessoas que queriam saber dela.

Fechou os olhos por um segundo e respirou fundo. Não tinha percebido o quanto estava assustada. Encarou Harris e sorriu. Depois, olhou em volta — parecia que toda a sua vida tinha mudado em tão pouco tempo ali naquela padaria. Em seguida, arregalou os olhos. *Ah, que saco!* O que estavam fazendo?

Daisy se levantou.

— Eu, hum... Harris, odeio falar isso, mas...

Ele também se levantou com aquela velha carranca de volta no rosto. Recuou.

— Já sei o que vai dizer. Tudo bem. As coisas saíram do controle com o terremoto e tudo, você não estava pensando

direito, já entendi. Não se preocupe comigo. Sem mágoas, vou superar. E, por favor, eu realmente não quero que você se sinta estranha aqui. Deixa eu ver se o Julio pode vir me ajudar a tirar aquela placa dali pra você poder ir embora.

Ela não tinha ideia de aonde Harris queria chegar com todo aquele discurso até ele parar de falar. Então deu risada.

— Você achou que eu tinha me arrependido? Ou que eu queria parar? Ah, não, meu Deus! Eu só ia dizer que a gente estava aqui se beijando loucamente comigo no seu colo, montada em você pra todo mundo da rua ver. — Ela gesticulou para a enorme janela na frente da padaria, que, sim, estava parcialmente bloqueada pela placa, mas só parcialmente. — Que bom que pudemos oferecer às pessoas que acabaram de enfrentar um desastre natural um pouco de entretenimento, mas isso é levar o *food porn* um pouco longe demais, não acha? Eu ia te perguntar se a gente não podia continuar em algum lugar um pouco menos público. Meu apartamento fica a algumas quadras daqui... Se conseguirmos sair...

Um grande sorriso se espalhou pelo rosto de Harris — o maior que ela já vira nele.

— Ahhh, isso é muito melhor do que o que pensei que você fosse dizer. — Ele se virou para a janela e sorriu. — Tomara que nenhum dos meus funcionários tenha passado por aqui. Que bom que dispensei todo mundo depois que vendemos tudo! — Seus olhos passearam até ela. — E tomara que nenhum outro cliente tenha visto a cena. Não quero ter que explicar que não vão receber o mesmo tratamento. — Ele se aproximou. — Aliás, meu apartamento fica no andar de cima, se achar melhor.

Daisy pegou a mão dele e disse:

— Vai na frente.

Harris a levou para os fundos da padaria, onde havia duas portas. Depois, pegou as chaves do bolso e abriu uma delas.

— A outra porta dá lá fora. Esta leva pro andar de cima.

Ele deixou que Daisy seguisse primeiro e, depois, destrancou a porta do seu apartamento.

— Hum, desculpe pela bagunça, eu não estava esperando visita hoje… — ele disse, dando um passo para trás para que a convidada entrasse.

Assim que ela entrou, explodiu de rir.

— Não acho que foi você que fez essa bagunça, Harris.

Livros, pratos, plantas e várias outras coisas estavam espalhadas pela sala e pela cozinha.

Ele balançou a cabeça e também riu.

— Pelo menos a TV não caiu da parede. Deixe eu te mostrar o apartamento. — Pegou a mão dela de novo. — Ali está a cozinha, hum, claro… — Ficaram olhando para os pratos quebrados no chão. — Eu cuido disso depois. E por aqui fica o quarto e o banheiro.

Era bom sentir sua mão — grande, quente, forte — na dela. Sua pele era macia e flexível, e ele tinha pequenos calos nas pontas dos dedos. Ela sentiu a aspereza do seu polegar e achou gostoso o carinho que Harris fazia no dorso da mão dela.

Então uma onda de nervosismo a atingiu enquanto seguiam para o quarto. Foi tudo tão fácil, rápido e bom lá embaixo na padaria… E se não fosse assim lá em cima? E se fossem apenas quinze minutos de mágica, e a mágica já tivesse acabado? E se a química desaparecesse e ele decidisse que não estava mais interessado nela? E se…

Daisy soltou uma risada alta e soltou a mão dele quando entraram no quarto.

— Nossa, você realmente não é da Califórnia! — ela disse.

Harris olhou para ela com as sobrancelhas erguidas.

— O que foi? Californianos típicos só têm lençóis de linho ou algo assim?

Ela tirou os sapatos e foi até a cabeceira da cama.

— Não… Se bem que eu adoro lençóis de linho. Olha esse monte de coisas penduradas em cima da cama! Gente que mora em lugar de terremoto não pendura *nada* em cima da cama. Alguém tinha que ter te falado isso. — Ela subiu na cama. — Três quadros com moldura de madeira e vidro? Isso poderia ter

te matado.

Harris foi até ela.

— São presentes da minha avó.

Daisy pegou o primeiro quadro e o entregou para ele.

— Legal… Mas eles precisam sair daí. Não posso fazer nada em uma cama com coisas penduradas na parede. Nem em dias normais e, especialmente, não logo depois de um terremoto!

Ele tirou o segundo quadro.

— Você… Hum… Você ia… A gente ia… fazer alguma coisa nessa cama?

Daisy arrancou o terceiro quadro. Normalmente, ela não ia para a cama dos caras tão rápido assim. Não porque achasse que havia algo errado nisso, mas sobretudo porque demorava um pouco para decidir se confiava seu corpo e suas emoções a outra pessoa. Tentou fazer sexo casual quando era mais nova, mas depois de dar muita cabeçada percebeu que sempre acabava se apegando. Precisava de tempo para decidir se alguém era digno dos seus sentimentos antes de dormir com essa pessoa.

Ela não sabia por que já sabia que Harris era essa pessoa. Mas sabia.

— Estava torcendo pra isso. Quer dizer, a não ser que você…

Ele pegou o terceiro quadro dela com entusiasmo.

— Ah, não! Não tem “a não ser que” da minha parte.

Colocou o quadro no chão e se ajoelhou ao lado dela na cabeceira da cama. Com um movimento, Harris a puxou para cima dele e Daisy soltou uma gargalhada.

— *Hum*, onde a gente estava? — ela perguntou, com a boca a milímetros da boca dele.

Harris segurou um dos seus seios e moveu o polegar para frente e para trás em seu mamilo. Ela fechou os olhos.

— Se me lembro bem… E sei que me lembro… Eu estava pirando nos seus seios. — Moveu a mão até o joelho dela e, depois, deslizou-a por baixo do vestido até a coxa. — Eu também estava ficando doido porque percebi que, quando te toco, você fecha os olhos e faz a mesma cara de satisfação de quando você

morde um docinho de que gosta muito. — Harris subiu mais a mão e prendeu o dedo na calcinha de Daisy. — O que me fez ficar com uma vontade desesperada de te tocar em todos os lugares. Com as mãos, a boca, a língua... Pra ver se você faz essa cara também. — Ele roçou os lábios nos lábios dela. — Posso fazer isso? Por favor?

Ela nem hesitou.

— Meu Deus, sim!

Harris se inclinou para frente e a beijou com força. Com apenas um movimento, arrancou a calcinha. Por meio segundo, ela se arrependeu de não ter colocado uma lingerie mais bonita antes de sair para a padaria de manhã, mas como ele nem reparou na peça, simplesmente jogando-a no chão, achou que não importava.

Ele segurou a barra do vestido dela e parou.

— Preciso que você tire isso.

Daisy concordou, e ele tirou a roupa dela e deixou cair ao lado da cama. Então, antes que ela tivesse a chance de ficar constrangida, as mãos de Harris já estavam sobre ela. Nas coxas, nos quadris, na barriga. E, logo depois, ele a atacou com a boca.

— Você é tão linda... — ele falou de encontro à sua pele. — E tão macia, meu Deus, como pode?

Seu corpo tremeu com as palavras e o toque dele. Seus mamilos estavam duros embaixo do sutiã, e ela não aguentava mais se sentir presa daquele jeito. Estendeu os braços para trás, desenganchou-o e puxou-o.

Harris olhou para ela e sorriu.

— Ah, você quer que eu te toque aí? — ele perguntou.

— Sim, por favor — ela respondeu.

Então Harris cobriu seus seios com as mãos e ela soltou um longo suspiro diante do prazer de sentir aqueles dedos fortes e gentis nela.

— Quer que eu te beije aí também? — perguntou.

— Com certeza — ela respondeu.

Ele soltou uma risadinha de novo e foi subindo pelo seu

corpo. Primeiro, pousou um beijo em um mamilo, depois no outro, e recuou. Quando ele não fez mais nada, Daisy abriu os olhos e o encarou.

— Ah, você quer que eu *continue* te beijando *aí*? Entendi.

Daisy agarrou a camiseta dele e o puxou para perto. Ele tirou a roupa e riu outra vez.

— Não se preocupe, vou parar de te provocar.

Ela se ergueu para beijá-lo, mas parou quando ouviu um barulho.

— O que é isso? — Harris perguntou enquanto tudo começava a tremer.

— É um segundo terremoto! — ela falou. — Não está feliz por eu ter tirado aqueles quadros de cima da cama?

— Por isso e por muitas outras coisas. Vou te proteger. Aguente firme! — E rolou para cima dela.

Agradecimentos

Um enorme obrigada a Maria Gomez por me dar a oportunidade de escrever a história da padaria/terremoto que sempre quis escrever e por me convidar para fazer parte desta coleção com tantas autoras que admiro. Sou extremamente grata a Angela Elson, Lindsey Faber e todos os outros da Montlake. Obrigada a todos! Foi uma alegria trabalhar nesta história. Holly Root, nunca tenho palavras suficientes para agradecer seus conselhos, apoio e torcida. Você é simplesmente a melhor. Alyssa Maltese, agradeço você todos os dias!

Sou grata a todos os familiares, amigos e colegas escritores que tiveram o trabalho árduo de comer doces comigo enquanto eu decidia que tipo de doces Daisy e Harris compartilhariam, especialmente Donna Guillory, Jill Vizas, Kimberly Chin, Simi Patnaik, Nicole Clouse, Jami Attenberg, Amy Spalding, Kayla Cagan, Leann Cawley, Joy Alferness e Helen Rosner. Que todos vocês desfrutem de croissants perfeitos para sempre, sem que o chão trema sob seus pés!

Jasmine Guillory é autora de *The Wedding Date*, best-seller do *New York Times*, e de *The Proposal* e *Drunk on Love*, selecionados para o Reese's Book Club. Seu trabalho já foi publicado no *Wall Street Journal*, na *Cosmopolitan*, na *Bon Appétit* e na *Time*, e ela fala frequentemente sobre livros no programa *Today*.

Copyright © 2024 by Jasmine Guillory
Todos os direitos reservados.
Publicado mediante acordo com Amazon Original Stories.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Drop, Cover and Hold on
CAPA Caroline Teagle Johnson
IMAGEM DE CAPA © klyaksun / Getty; © World of Vector / Shutterstock; © Oakview Studios / Shutterstock
PREPARAÇÃO BR75 / Aline Canejo
REVISÃO BR75 / Clarisse Cintra
VERSÃO DIGITAL BR75 / Raquel Soares
ISBN 978-85-8439-4081

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br
facebook.com/editoraparalela
instagram.com/editoraparalela
twitter.com/editoraparalela